

## MOTIVAÇÃO E EMOÇÃO: UMA ALAVANCA PARA A APRENDIZAGEM

Autor: Stefani do Nascimento; Co-autor: Juliana Mayara Pereira Barbosa;  
Orientadora: Dr<sup>a</sup> Mara Lúcia Castilho

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – Campus Riacho Fundo I*  
E-mails: stefanin570@gmail.com; juliana.mpbarbosa@gmail.com; mara.castilho@ifb.edu.br

### INTRODUÇÃO

A escola como instituição formadora, tem como papel considerar o ser humano em sua totalidade, ser reflexiva e considerar os aspectos socioemocionais que envolvem a educação como um todo.

Segundo Mayer e Geher (1996), há um movimento crescente em mostrar, cada vez mais, a importância de se considerar aspectos relacionados à aprendizagem de habilidades emocionais no ambiente escolar, a fim de promover a educação.

Considerando essas questões, esta pesquisa de cunho qualitativo tem por finalidade investigar e relatar a influência de questões socioemocionais no ambiente escolar, partindo das experiências vivenciadas através de um projeto de extensão intitulado “Educação Emocional: as habilidades socioemocionais na formação de professores”, formado por docentes e discentes do curso superior de Letras em Língua Inglesa do *campus* Riacho Fundo do Instituto Federal de Brasília (IFB).

Partindo desse pensamento, foram desenvolvidas atividades interventivas com as turmas do Programa de Avanço das Aprendizagens Escolares - PAAE, que é um programa que atende alunos que estão em defasagem de idade-ano no turno matutino, sendo divididos em três grupos: 6<sup>o</sup>/7<sup>o</sup> ano, 7<sup>o</sup>/8<sup>o</sup> ano e 8<sup>o</sup>/9<sup>o</sup> ano, ações essas que tinham como foco as emoções como parte principal do processo, visando, também, a motivação e o interesse pessoal desses alunos.

Em consonância com uma das diretrizes citadas no artigo 2<sup>o</sup> do PNE- Plano Nacional de Educação, a escola é lugar de desenvolvimento humano, e como é possível pensar esse desenvolvimento sem vinculá-lo a motivação pessoal dos indivíduos que integram o processo de ensino e aprendizagem? Tendo em vista o texto da lei, este artigo propõe um olhar que parte da motivação do aluno tendo como foco a importância de se trabalhar questões relacionadas à inteligência emocional no contexto escolar, objetivando a promoção de espaços de discussão e reflexão sobre a importância das emoções para o desenvolvimento pessoal e social e verificar a contribuição da motivação dos alunos para a realização de atividades em sala de aula;

### METODOLOGIA

Para que fosse possível a investigação das questões que emergiram durante as intervenções realizadas com os estudantes, optou-se pela pesquisa qualitativa, pois tínhamos a intenção de obter maiores informações a respeito do objeto investigado.

Para Gerhardt e Silveira (2009), A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

No decorrer dos encontros com os alunos, novos dados surgiam e era preciso voltar o olhar para questões específicas, tais como: o *bullying*, o desrespeito, a desunião, a violência e as drogas. Com a identificação dessas problemáticas, os investigadores direcionavam sua atenção para intervir pontualmente em cada uma das questões emergente.

Trivinos (1987), afirma que a pesquisa qualitativa apesar de possuir etapas a serem desenvolvidas durante a sua realização, elas não necessariamente precisam ocorrer de forma sequenciada, pois quando o pesquisador recolhe as informações no campo, elas devem passar por um processo de reflexão e só então o investigador poderá avaliar a profundidade dos dados por ele obtidos.

Como instrumento de coleta de dados de pesquisa, ao final de cada intervenção, cada dupla produzia notas de campo relatando a experiência com as turmas e a partir dos relatos descritos, a dupla deveria apresentar suas percepções diante de tudo o que vivenciou com os alunos naquele dia.

As notas de campo para Trivinos (1987) são:

Num sentido restrito, podemos entender as anotações de campo, por um lado, como todas as observações e reflexões que realizamos sobre expressões verbais e ações dos sujeitos, descrevendo-as, primeiro, e fazendo comentários críticos, em seguida, sobre as mesmas. Neste sentido, as anotações de campo podem referir-se, principalmente, às entrevistas individuais e coletivas e à observação livre. Por outro lado, as anotações de campo podem ter uma dimensão muito específica.

## **DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES**

Para que fosse possível o aprofundamento das teorias que embasaram as nossas atuações, e para que fossem sistematizadas as ações que foram realizadas com as turmas do PAAE, a equipe formada de professoras e alunas do IFB se reunia duas vezes na semana.

Desse modo, o projeto deu-se início, em um primeiro momento, a partir dos textos teóricos que o grupo discutia. Alguns dos teóricos utilizados para as discussões foram: Paul Ekman (2003) que conceitua a inteligência emocional, Elísio Wedderhoff (2001) que elucida o conceito de educação emocional, Mayer e Salovey (1990) que aborda os benefícios da inteligência emocional e Antônio Carlos Gil (1987) que traz o entendimento sobre os métodos e técnicas utilizadas em pesquisas sociais.

Os textos lidos nos encontros com o grupo serviram para fundamentar as atuações das bolsistas nas atividades extensionistas desenvolvidas no campo da escola e foram de grande relevância para que o grupo pudesse esclarecer e compreender mais sobre os estudos relacionados às emoções e suas contribuições no convívio social e para o bem estar pessoal.

Durante a primeira parte da realização do projeto, foram realizadas, pelo menos, 14 encontros para leitura, discussão e planejamento das ações interventivas. Em alguns desses encontros, foram compartilhadas as experiências vivenciadas pelas monitoras nas atividades realizadas com os alunos na escola.

### **As intervenções**

O primeiro contato do grupo integrador do projeto com a escola envolvida foi em uma reunião de colegiado em que todos os professores do período matutino estavam presentes,

inclusive coordenadores e diretor. Neste dia, o projeto foi apresentado aos presentes na reunião e nas semanas seguintes, foram iniciadas as atividades com as turmas.

Tendo como ponto de partida as discussões dos textos teóricos que embasaram o projeto, as monitoras juntamente com as professoras realizavam as dinâmicas e as atividades, que tinham como foco as emoções, em grupo antes de levá-las às turmas participantes do projeto.

As monitoras, atuavam em duplas, assim sendo, cada dupla responsabilizou-se por uma das 3 turmas do PAAE.

A primeira intervenção teve o intuito de levar os alunos a conhecerem uns aos outros e principalmente para que as bolsistas pudessem conhecer o grupo de alunos. Foram propostas diversas atividades e dinâmicas, como, por exemplo: produção de crachás, apresentação com gestos, apresentação em pares, dinâmica da carruagem e o levantamento de expectativas.

Na segunda e na terceira intervenção, foi proposto pelo grupo de pesquisa, uma sessão de cinema na qual foi reproduzido o filme intitulado *Divertidamente*. A escolha desse filme foi feita, por abordar a temática que apresenta relação com a proposta do projeto, que são as emoções e para que os alunos compreendessem de forma lúdica a influência das emoções em nossas vidas.

Na quarta intervenção, no desenvolvimento da dinâmica “guia cego”, os alunos surpreenderam com um comportamento que não havia sido previsto durante o planejamento dessa atividade. No desenvolvimento da dinâmica “guia cego”, os alunos deveriam trabalhar em pares para que o objetivo pudesse ser alcançado. Um aluno deveria ser vendado e o outro aluno deveria guiar o colega até um determinado local. Porém, a turma não conseguia perceber a influência negativa que as conversas paralelas e os gritos, que de alguma forma tinham a intenção de ajudar o colega, causavam na dupla que participava da dinâmica e enfrentava dificuldades para distinguir os comandos das demais falas dos alunos. A partir desse episódio, foi possível perceber que mesmo os alunos tendo o mesmo objetivo a ser alcançado, eles não conseguiam se organizar de forma a concluir a atividade, o que trazia frustração, raiva e desapontamento para os estudantes. Um dos componentes da dupla que tentava finalizar a dinâmica desistiu de guiar o colega, pois não conseguiu lidar com o sentimento de raiva no momento em que a turma não estava colaborando ao fazer barulho excessivo. Para WEDDERHOFF (2001):

[...] o papel mais importante da emoção esteja na sua função de facilitar o ato de pensar, ou seja, na capacidade de gerar pensamentos com um certo planejamento, criando a possibilidade de considerar, cada vez mais, um número maior de perspectivas. A tendência, segundo os pesquisadores, é de que essa capacidade se desenvolva, gradativamente, com o amadurecimento da pessoa.

Conforme Goleman (2011), a inteligência emocional (IE), é a capacidade de levar inteligência às emoções obtendo, assim, autodomínio sobre suas ações, atuaria como aliada nesse processo de elucidação das ações dos alunos perante uma situação de estresse e pressão.

Levando em consideração as intervenções realizadas com os estudantes do PAAE, no penúltimo encontro com os alunos, planejamos uma atividade que tratava sobre as diferenças e as semelhanças entre os alunos, a chamada dinâmica das diferenças. Para que fosse possível realizar essa atividade com os alunos, foi preciso ter um conhecimento prévio sobre quem eram os alunos da turma, pois as perguntas deveriam ser direcionadas para um público específico. Era necessário saber onde eles moravam, o que faziam no tempo ocioso, onde nasceram, qual estilo de música mais gostavam, com quem moravam e traços que envolviam a personalidade de cada um. Para tanto, foi desenvolvida a dinâmica de forma que os estudantes ficassem um de frente para o outro e no momento em que uma sentença fosse lida, eles deveriam dar uma passo a

frente caso tenham se identificado com o que foi dito. Ao final da dinâmica, os alunos perceberam a importância do respeito ao próximo e, principalmente, o respeito às diferenças.

Na última intervenção, os alunos já haviam construído uma relação de amizade com as bolsistas, se mostravam participativos nas atividades, desse modo, as bolsistas propõem a criação de histórias com temáticas previamente escolhidas por elas. Nessa atividade, com a turma dividida em trios, alguns alunos demonstraram resistência para fazer o que foi pedido, porém foi possível perceber que na maioria das vezes não era desinteresse da parte dos alunos, mas sim uma dificuldade de utilizar as palavras para expressar uma ideia.

De modo geral, todas as atividades que, de alguma forma, necessitava da habilidade de escrita dos alunos levavam mais tempo para serem concluídas e os alunos tinham muita dificuldade para desenvolver ideias tanto individualmente quanto coletivamente.

Durante as intervenções, uma das demandas mais requisitadas pelos estudantes era para que trouxéssemos mais dinâmicas e mais atividades diferenciadas. Porém, quando eram propostas atividades que demandavam a escrita ou a interação dos alunos como um grupo, eles enfrentavam muitas dificuldades, pois não conseguiam entrar em um consenso sobre o que era pedido. Tendo em vista essa dificuldade, propusemos uma atividade em que os alunos deveriam desenhar algo que representasse o projeto que estava sendo desenvolvido com eles ao invés de utilizar as palavras.

A postura dos alunos frente à proposta levada para a sala de aula foi, em sua grande maioria, de aceitação, pois os estudantes demonstravam ter maior facilidade em se expressarem através do desenho. Fengying (2003), afirma que muitos fatores podem influenciar a motivação dos estudantes. Dentre esses fatores, esse autor cita os seguintes: econômico, social, psicológico e educacional. Porém mesmo tendo esses fatores como possíveis complicadores, o professor ainda assim pode motivar os seus alunos sendo mais observador, compreensível, informado e educado. Esse entendimento corrobora com o pensamento de Freire (1996), que afirma que ensinar exige respeito ao educando.

Sabendo disso, foram propostas atividades em que os alunos deveriam dar um *feedback* em forma de desenho sobre o que eles mais haviam gostado durante os dias em que estivemos com eles, e o resultado foram diversos desenhos criativos e que, em sua maioria, retratavam muitas das atividades levadas para a sala de aula.

Porém, quando solicitamos aos alunos que se dividissem em grupos e escrevessem em um cartaz suas impressões e sugestões relacionadas às intervenções, o resultado se resumiu a seguinte frase: “Gostamos muito”.

Com os dois exemplos citados acima, podemos notar a disparidade do retorno dado pelos alunos entre as duas propostas que originalmente compartilham a mesma natureza, porém, obtiveram resultados completamente diferentes.

Tapia e Fita (2015) afirmam que a queixa mais recorrente entre professores é o fato dos alunos não demonstrarem interesse para com os conteúdos que lhes são ensinados nas aulas. Em contrapartida, os autores afirmam que:

Saber motivar para a aprendizagem escolar pressupõe saber como os alunos aprendem. [...] Para entender o que ocorre na aula é preciso transcendê-la. Essas variáveis do contexto exterior à sala de aula recordam que não se ensina no vazio e que a ação docente é mediada pela percepção social do professor e pela percepção que ele tem de si. (TAPIA e FITA, 2015)

A produção individual dos alunos utilizando narrativas visuais nos forneceu dados mais completos sobre as impressões deles em relação ao projeto que vinha sendo desenvolvido. Em contrapartida, quando divididos em grupos para que pudessem discorrer em algumas linhas as

mesmas impressões pedidas na atividade anterior, os alunos não conseguiram expor suas ideias e sugestões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções realizadas na escola nos possibilitaram verificar que as atitudes dos estudantes do PAAE que a princípio eram taxadas como falta de interesse por parte dos alunos, tinham relação com a motivação desses estudantes e não necessariamente com o não querer fazer.

Quando se está em um ambiente tão diversificado como a sala de aula, é importante compreendermos as consequências das nossas escolhas como professores, pois caso não conheçamos os nossos alunos, corremos o risco de frustrá-los durante o processo de aprendizado.

Weiner (1979), afirma que o sucesso de um estudante em uma determinada disciplina, como por exemplo, matemática e o fracasso de outro estudante na mesma disciplina estão diretamente ligados ao nível de motivação envolvida durante o processo de aprendizagem.

Muitas vezes, optar por trabalhar com algo que o aluno tenha domínio pode trazer melhores resultados, pois quando se cobra algo que o estudante não tem para oferecer, as chances de sucesso diminuem muito.

Ao analisarmos as notas de campo e as produções dos estudantes, foi possível perceber os pontos fortes e fracos dos alunos durante a realização das atividades. Apesar dos documentos norteadores garantirem a formação cidadã ao final dos 9 anos do ensino fundamental, na prática, os professores, possivelmente, encontram obstáculos que dificultam a emancipação desses indivíduos.

Promover as ações interventivas com as turmas do PAAE nos permitiu refletir sobre a prática docente em sala de aula, permitindo, também, verificar a influência das questões subjetivas, do campo das emoções, no comportamento dos alunos diante de propostas levadas para a sala de aula.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, junho, 2014. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm)>. Acesso em : 01 set. 2018.

FENGYING, Mu. *Motivating Students By Modifying Evaluation Methods*. China: English teaching forum, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (organizadores). **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MAYER, J. D., e GEHER, G. (1996). **Emotional Intelligence and the identification of emotion**. *Intelligence*, 22, 89-113.

TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz.** 6. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

Weiner, B. (1979). A theory of motivation for some classroom experiences. *Journal of Educational Psychology* 71, 3-25.

WEDDERHOFF, Elísio. **Educação Emocional: Um novo paradigma pedagógico?.** Revista Linhas, Florianópolis, v. 02, n.1, Jul. 2001.